

# Dr. David Schreiner, Ponderando a Pá, Sessão 1, Preparando o Palco

© 2024 David Schreiner e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. David B. Schreiner em seu ensinamento sobre Ponderando a Espada. Esta é a sessão 1, preparando o cenário. Bem-vindo a este curso sobre Ponderando a Espada.

Intitulei isso Pondering the Spade em homenagem a um trabalho que fiz. Meu nome é Professor Schreiner. Sou professor associado do Seminário Bíblico Wesley, na área metropolitana de Jackson, em Jackson, Mississippi.

Fui convidado para dar uma palestra sobre a intersecção do Antigo Testamento com a arqueologia, que é um tema no qual estou muito, muito interessado. Acho que é muito, muito fascinante. Como abordaremos aqui nesta primeira palestra, a primeira de quatro palestras, é um relacionamento que creio ter sido atormentado por alguns mal-entendidos.

Felizmente, nas últimas décadas, estamos começando a refinar esse relacionamento. Estamos começando a entender um pouco mais essa relação. Acho que é para o benefício dos estudos bíblicos porque realmente temos que compreender a relação entre os estudos bíblicos, neste caso os estudos do Antigo Testamento.

Vamos nos concentrar nos estudos do Antigo Testamento mais do que qualquer outra coisa, mas realmente precisamos entender a relação entre arqueologia, estudos bíblicos/estudos do Antigo Testamento. Se levarmos a sério a noção de que Deus usou o antigo Israel como canal, como mecanismo, como veículo para grande parte da sua revelação à humanidade, então precisamos de olhar para as disciplinas concebidas para desvendar essas culturas. É por isso que penso que a intersecção entre a arqueologia e os estudos do Antigo Testamento e os estudos bíblicos é absolutamente imperativa.

Como eu disse, vamos fazer quatro palestras aqui. Nós vamos nos mover muito rápido. Não vou poder falar sobre tudo o que quero falar.

Ficáramos atolados nos detalhes, mas vou abordar os pontos altos disso. Mais alguns detalhes que infelizmente terei que deixar de fora, você pode ler em meu livro Pondering the Spade, que foi publicado em 2019 pela Wipf & Stock. Você pode encontrá-lo na Amazon ou no site Wipf & Stock.

Esse é o meu livro descarado. Vou seguir em frente a partir daí e estamos bem. Há muito mais detalhes, mas passarei rapidamente por essas quatro palestras.

O primeiro vai preparar o cenário. Fornecerei alguns comentários introdutórios sobre a natureza da arqueologia e algumas orientações sobre o que nos guiará nas três palestras finais. Na segunda palestra, vamos nos aprofundar.

Eu não deveria dizer profundo. Vamos mergulhar em Mari, um local antigo, e depois vamos mergulhar no épico de Gilgamesh. Então, na terceira palestra, falaremos sobre Tel Dan e algumas outras coisas e veremos a historiografia israelita e as implicações interessantes que a arqueologia nos deu com relação a isso.

Então, finalmente, na quarta palestra, iremos muito rápido, e abordarei alguns destaques e falarei sobre algumas descobertas muito, muito importantes que acho que realmente encerram isso e nos dão uma boa compreensão de o que é isso. Esta é uma discussão que irá confrontar certas ideias com outras ideias, e espero que, ao final dela, meu objetivo é que, ao final destas quatro palestras, você tenha uma boa compreensão prática de como a arqueologia e os estudos do Antigo Testamento interagir uns com os outros e como isso pode informar nossa interpretação, como podemos olhar para a disciplina da arqueologia a fim de dar às escrituras um pouco mais de força, um pouco mais de entusiasmo, se preferir. Mas quero começar esta manhã, e quero começar aqui agora nesta primeira palestra com uma vinheta reveladora.

E essa minha história, essa minha experiência, eu acho, realmente começa a colocar algumas coisas em foco. Uma das coisas que minha esposa e eu fazemos é ensinar minha filha mais velha. Na verdade, sou pai de três filhos e agora nossa segunda filha está no mesmo local, mas damos aulas de escola dominical para nossas duas filhas mais velhas. E sou um pouco paranóico, admito; Estou realmente consciente do que os professores da escola dominical da minha filha estão ensinando a eles, porque esta é a minha carreira.

Mas de qualquer forma, assumo um papel ativo e prático nisso. E uma semana, eu estava sentado em minha sala, e a maneira como fazemos as coisas em nossa igreja é esse tipo de lição central onde todos se reúnem, todos se reúnem em uma sala do meio, e nós fazemos uma grande palestra, não realmente uma palestra, mas uma grande conversa, uma grande lição. E então todo mundo se separa de acordo com suas notas, e é aí que minha esposa e eu servimos.

Atendemos no período de separação. Então, enquanto me preparo para esse período de separação, ouço o indivíduo na sala central dando a grande aula começar a falar sobre arqueologia. Naturalmente, meus ouvidos se animam e então o ouço falar sobre nomes como Kathleen Kenyon, Ami Mazar e Israel Finkelstein.

Neste momento, estou realmente intrigado porque, honestamente, a menos que você esteja profundamente envolvido com essas coisas, esses são nomes que você provavelmente não reconhecerá. Então, paro o que estou fazendo e começo a ouvir.

Eu entro na sala, fico no fundo e começo, você sabe, a fazer um inventário do que está sendo dito, e fica ainda mais sofisticado.

Agora lembre-se, estes são alunos da primeira, segunda, terceira e quarta séries. Quero dizer, Deus abençoe sua alma, isso está muito acima de suas cabeças, mas você sabe, ele está indo atrás disso, então estou bem com isso. Mas estou ouvindo e ele está falando sobre a urbanização e as transições culturais entre o período do bronze inicial e o período do bronze intermediário.

Então ele está falando sobre a cultura da Idade Média do Bronze em relação aos patriarcas. Depois, ele está falando sobre o colapso do final da Idade do Bronze na Idade do Ferro e como esse colapso informa a nossa compreensão da Idade do Ferro. E estou pensando neste momento, uau, isso é incrível.

Não acredito que esse cara esteja realmente tentando fazer isso. Mas então fica realmente interessante porque ele começa a agir arbitrariamente, e essa é a melhor palavra que posso usar para descrever o que ele faz, mas ele bagunça tudo porque está aplicando o estudo de Kathleen Kenyon sobre o início da idade do bronze, a idade média do bronze. transições para o período do assentamento israelita. Então, ele está misturando todas as datas e pega o colapso da era do Bronze Final na era da Idade do Ferro e aplica-o ao período exílico, cerca de 700 anos depois.

E então ele fala sobre a discussão de Ami Mazar sobre o período médio da Idade do Bronze, que Ami Mazar associa aos patriarcas. Ele aplica isso às eras de Davi e Salomão. Então, com tudo isso para dizer, acho que há algumas lições.

Quer dizer, nós brincamos sobre isso neste contexto, e com razão, mas eu tenho que dar ao cara um A pelo esforço, certo? Eu tenho que dar apoio ao cara. Ele é muito apaixonado pelo que faz, mas bagunça tudo. E estou grato por isso ter passado tanto da cabeça das crianças que elas não ficaram confusas.

Eles não sabem o que perderam, mas fiquei meio chocado com o que ouvi. Mas de qualquer forma, acho que há algumas lições a aprender com isso. Primeiro, há um interesse popular pela arqueologia quando se trata de estudos do Antigo Testamento.

Quero dizer, você realmente não precisa procurar muito longe. Você não precisa experimentar o que eu experimentei para entender isso. Tudo o que você precisa fazer é ativar o History Channel, o Discovery Channel e o Learning Channel.

Você pode ligar sua TV e encontrar programas sobre como a arqueologia se relaciona com os estudos bíblicos de diversas formas. Podem ser bons programas academicamente honestos e intelectualmente sofisticados. E então você poderia ir

até o outro extremo do espectro e falar sobre antigos alienígenas e pirâmides e Giorgio Tsoukalos e tudo mais.

Então, há todo um espectro disso, mas há uma preocupação popular com a arqueologia e como isso nos ajuda a entender as escrituras, ok? Esta experiência provou isso. No entanto, também mostrou o lado infeliz dessa realidade. Esta é uma relação, a noção popular de como essas duas disciplinas se fundem é muitas vezes mal compreendida.

E é nesse momento que entendemos mal como essas relações interagem entre si que começamos a ter problemas. Este último problema metodológico foi demonstrado ao longo da história acadêmica. E falaremos sobre isso aqui em alguns minutos, mas quero dizer, não podemos colocar a cabeça na areia e fingir que essas dificuldades e esses mal-entendidos não existem e não existiram porque há muita literatura escrita sobre a questão e sobre o tema do mal-entendido entre a arqueologia e o Antigo Testamento e temos que nos envolver.

E requer uma discussão adequada dessa interação. E é para isso que estou aqui. É isso que quero deixar para vocês no final dessas quatro palestras.

Como entendemos a relação entre essas duas disciplinas? Como podem essas duas disciplinas, e vou falar sobre isso, como elas convergem entre si? Qual é a natureza de sua convergência? Estou falando sobre a interação. E quando compreendermos a interação, começaremos a entender como a arqueologia pode nos ajudar a compreender melhor as Escrituras, ajudar-nos a dar-nos outro nível à nossa interpretação. E é sobre isso que tratarão essas quatro palestras.

É para onde estou indo. Quero pegar esta vinheta e transformá-la em algo que seja educativo e valioso e que, espero, nos ajude de muitas maneiras no longo prazo. Então, quero passar agora para a discussão da natureza da arqueologia.

Vou percorrer um longo caminho aqui nesta primeira palestra. Quero abordar a natureza da arqueologia como disciplina. Quero começar a entender a natureza de como isso se cruza com os estudos bíblicos.

Mas quero fazer isso de uma forma indireta e espero que isso faça sentido no final da palestra. Mas onde quero começar, quero começar com algo chamado óstraco. Agora, óstraca é uma palavra grande e chique que significa apenas cacos de cerâmica escritos, ok? São pedaços quebrados de cerâmica que serviram para escrever, ok? É por aí que quero começar.

Agora, quando você vai contar e está cavando no antigo Israel, há pedaços de cerâmica quebrados por toda parte. Quero dizer, na verdade, você nem precisa

cavar. Você pode simplesmente andar em cima de um Tell e puxar pedaços de cerâmica que vieram à tona.

Você pode simplesmente pegá-los. São como pedras. Mas fragmentos de cerâmica com escrita são algo um pouco mais raro, e essas são as coisas que se tornam muito, muito importantes e críticas.

Então, por exemplo, vamos dar uma olhada em um óstracon chamado Meshad Hashevyahu Ostraca, certo? E isto é uma peça de cerâmica. Esta é uma peça de cerâmica que tem um discurso jurídico bastante extenso e conta a história de alguém trazendo uma questão, por assim dizer, um problema a um funcionário judicial local. E ele está basicamente dizendo que esse cara para quem trabalhei não me devolveu minha capa no final do dia.

E o que é interessante sobre isso é que é datado por volta do século VII, eu acho. Acho que é por volta do século VII. Então, está bem no meio de Ferro II, bem na época de Josias, esse tipo de coisa.

É desse tempo que estamos falando. O que é fascinante nisso é que parece haver uma alusão a algum comentário jurídico específico no Livro do Êxodo, particularmente sobre como se você pegar uma capa de alguém como garantia, se essa pessoa vai trabalhar para você, você tem que dar a ela. o manto de volta no final do dia. Esta pode ser a única capa deles.

Você não pode simplesmente pegar as coisas que eles precisam para provar um ponto. Então, é possível que este óstraco, este caco de cerâmica escrito nele, e vou mostrar-vos uma fotografia daqui a pouco, esteja a mostrar-nos que a legislação bíblica está a ordenar a sociedade judaica? É bem possível. Esses são os tipos de coisas que podem potencialmente se tornar muito importantes e informativas.

Temos as cartas de Laquis. Laquis é o principal centro administrativo da Judéia durante o Ferro II. Foi saqueado durante o cerco de Senaqueribe em 701 AC.

Foi saqueado pelo Rei Nabucodonosor da Babilônia quando ele se dirigia para Jerusalém. Portanto, foi saqueado de forma bastante significativa duas vezes no período de cerca de 150, 130 anos ou mais. E então, é um site administrativo muito importante.

No entanto, logo antes do saque de Jerusalém, assim foi durante o cerco de Nabucodonosor, não de Senaqueribe, mas datando do saque de Laquis por Nabucodonosor e do cerco de Jerusalém, havia um esconderijo de cartas. E estas são correspondências militares, ok? Estas são interações e conversas que o povo de Laquis está tendo com o povo de Jerusalém em resposta ao cerco iminente de

Nabucodonosor. E eles estão falando sobre como os sinais de fogo de Azeca não podem mais ser vistos, o que significa que os babilônios estão chegando.

Eles estão à nossa porta. Temos que estar prontos. Então, é um exemplo interessante.

Então, esses são os óstracos que nos dão um exemplo interessante de como eles ordenavam o seu dia-a-dia, como conduziam as operações militares e como interagiam entre si no dia a dia. Novamente, coisas que são muito, muito interessantes, coisas que são muito, muito interessantes e que podem não necessariamente se cruzar diretamente, mas nos ajudam a entender como a cultura funciona no dia-a-dia. Agora, esta foto que tenho aqui é um desenho da inscrição Mishad Hashav Yahu, ok? E você pode ver a escrita lá.

Você pode ver como era assim a antiga escrita hebraica. Esta é a disputa legal que mencionei há pouco sobre como o indivíduo estava apresentando uma queixa ao oficial judicial local sobre um indivíduo que não lhe devolveu o casaco. O Samaria óstraca é outro vestígio de escritos antigos de óstracos antigos que são muito, muito importantes.

Datam de um pouco antes, século VIII, e foram encontrados em Samaria. Então, isso é no norte. Isto faz parte da cultura israelita.

São muitas receitas administrativas, transações de mercadorias, quem compra o quê, quanto compra, vinho, grãos, etc. Estes foram encontrados durante as escavações em Samaria no início dos anos 20. E então, eles já existem há algum tempo.

Mas, novamente, eles nos dão uma ideia de como as culturas israelita e judaica operam no dia-a-dia. Também temos o óstraco Arad. Arad é um local no meio de um deserto esquecido por Deus.

Honestamente, é provavelmente uma fortaleza da Judéia que guardava a extremidade sudeste do território da Judéia. E fica no meio do nada, pessoal. Não há nenhuma fonte de água perene por perto.

Sinceramente, não sei como as pessoas viviam aqui. E há algumas histórias desagradáveis sobre como a Cidade do Bronze Inicial acumulou o escoamento de água no meio da cidade. Quer dizer, falamos sobre, você sabe, nesta era do COVID-19, falamos sobre doenças e germes e tudo mais.

Não sei como as pessoas de Arad viveram mais de três semanas lá. Eu realmente não sei. Mas, aparentemente, eles fizeram.

E havia uma fortaleza muito importante da Idade do Ferro em Arad. E encontramos muitos óstracos de Arad. Novamente, correspondência e interações diárias com as pessoas de lá.

E o que é interessante sobre todas essas coisas é a forma como são analisadas. Nós olhamos para eles em busca de conteúdo, mas o problema é que isso está sendo desenvolvido neste momento e, nos últimos dois anos, eles estão submetendo esses sistemas de escrita a alguns algoritmos de computador bastante sofisticados, design inteligente, autoaprendizagem programas de software para determinar o que podemos, você sabe, descobrir o que podemos determinar sobre as pessoas, as pessoas que escrevem. Assim, por exemplo, os óstracos de Arad foram recentemente submetidos a um estudo muito interessante, e eles queriam saber quantos estilos diferentes de caligrafia e quantas pessoas diferentes estavam a escrever estes óstracos de Arad.

Na verdade, eles usaram um estudo semelhante sobre o óstraco de Samaria, apenas mais recentemente. Então, isso é algo muito, muito fascinante. Os óstracos e fragmentos de cerâmica com inscrições são muito, muito importantes.

Eles não só nos dão conteúdo sobre o que estavam fazendo, mas também nos ajudam a preencher os cobertores sobre o desenvolvimento das suas sociedades. Então, novamente, é disso que estou falando. Estes exemplos, o óstraco de Arad e o óstraco de Samaria em particular, mostram-nos a gama de conclusões e a complexidade da arqueologia como disciplina.

Como acabei de mencionar, a arqueologia é mais do que apenas cavar na terra, certo? Chegou ao ponto em que estamos usando radar de penetração no solo, usando algoritmos de computador sofisticados. Recentemente, foi desenterrado um cemitério nos arredores de Ashkelon, com cerca de 200 corpos. Na verdade, isso foi encontrado e desenterrado nos últimos dois anos de escavações lá.

Mas eles submeteram os esqueletos a perfis de DNA para tentar esclarecer a velha questão de onde vieram os filisteus? Coisas realmente fascinantes aqui. Portanto, a arqueologia está a tornar-se e continuará a ser muito, muito avançada tecnologicamente. Novamente, isso faz parte da natureza da disciplina.

Qual é a disciplina? O que isso está tentando fazer? Como é tentar fazer essas coisas? E isso nos ajudará a entender essa intersecção. Então, com isso, vou iniciar uma descrição muito rápida dos contornos da disciplina. Como a disciplina se desenvolveu ao longo da história? E há muitas maneiras de esfolar esse gato, certo? Você pode ler o livro de Eric Klein sobre uma breve introdução à arqueologia bíblica.

Ele faz isso de uma maneira. Cada um faz da maneira que achar melhor. Vou tentar manter isso muito, muito simples, e vou te dar três fases, ok? A primeira fase é

realmente chamada de início da exploração palestina, certo? É aí que tudo começa e, como você verá, é muito, muito grosseiro do ponto de vista metodológico.

É uma caça ao tesouro glorificada. Este é Indiana Jones procurando a Arca Perdida, ok? Isto é essencialmente o que é. Obviamente, pelo que acabei de dizer, não é mais isso, mas é assim que as coisas começam, e com quem começamos? Honestamente, você tem que pelo menos olhar para um cara chamado Napoleão Bonaparte, e se você conhece a história mundial e a civilização ocidental, provavelmente reconhece esse nome, não por causa de seu impacto no desenvolvimento da arqueologia, mas por causa de seus desejos de conquista global, certo? Mas nos seus esforços para proteger toda a bacia do Mediterrâneo, nos seus esforços para difundir a cultura francesa e o reino francês, Napoleão Bonaparte trouxe consigo uma equipa de académicos, e basicamente disse: vejam, enquanto atravessamos o Egipto, enquanto atravessamos bacia do Mediterrâneo, quero que você tire fotos.

Eu quero que você não tire fotos, obviamente. Eles não tinham isso. Eu quero que você faça desenhos.

Quero que você faça anotações e documente todas essas coisas e, ei, o que você sabe? Na verdade, vamos trazer algumas coisas para casa, certo? Então, isso é uma espécie de subproduto do que Napoleão Bonaparte estava fazendo. Foi assim que conseguimos a Pedra de Roseta, certo? E a Pedra de Roseta foi absolutamente crítica na decifração dos hieróglifos egípcios, certo? Porque havia três línguas naquela pedra, certo? Poderíamos ler um deles muito bem. Poderíamos ler um segundo, mas o terceiro eram hieróglifos egípcios.

Naquela época ninguém sabia ler, mas um cara chamado Champillon ou algo parecido, eu não falo muito bem francês, CHAMPOLLON, acredito que seja assim que você escreve, ele é o cara que é creditado basicamente para traduzir e decifrar hieróglifos egípcios. E ele recorreu a um nome, um nome próprio, para dar início à sua decifração, e Napoleão Bonaparte e a Pedra de Roseta foram a chave para tudo isso, para decifrar os hieróglifos egípcios. E isso é importante porque assim que pudéssemos ler os hieróglifos egípcios, poderíamos ir a todos estes templos fora de Luxor, fora de Tanis, e poderíamos começar a ler tudo o que estava escrito naquelas paredes.

E pronto, a porta foi aberta para uma das maiores culturas que o mundo já viu, talvez a maior cultura que o mundo já viu. O próximo cara sobre quem quero falar brevemente é um cara chamado Sir Edward Robinson. Esse cara é conhecido como o pai da arqueologia bíblica, não da arqueologia bíblica ou da geografia bíblica.

E ele tinha um amigo chamado Eli Smith, e o que esses dois caras fizeram foi montar em camelos, montaram a cavalo e começaram a cavalgar pela Síria-Palestina. E eles conversaram com os beduínos locais, ei, aquela colina ali, qual é o nome daquela

colina? E eles pegavam os nomes dos beduínos locais, nomes árabes locais, e começavam a olhar para trás em seu Antigo Testamento e a tentar descobrir, ok, como é isso? E aqui está o brilho deste homem. Ele fez isso em meados do século 19 e, honestamente, ele estava muito, estava certo em muitos aspectos.

Ele era perspicaz e teve muito sucesso em muitas das identificações que propôs. E na verdade você fala sobre pessoas; se você conversar com pessoas que realmente têm especialidade em geografia bíblica, elas ainda dirão que ainda usam o trabalho desse homem que foi publicado no século 19, certo? Esse cara era brilhante assim. Seu trabalho, centenas de anos, mais de 100 anos depois, 150 anos ou mais, ainda resiste ao teste do tempo.

Então esse é Edward Robinson. Ele foi uma pessoa muito, muito, foi uma pessoa muito, muito importante nessa fase inicial. E uma vez que Edward Robinson começou a identificar essas pistas, uma vez que ele começou a dizer, isto é provavelmente isto, isto é provavelmente Laquis, isto é provavelmente Samaria, então de repente você tem o desenvolvimento de todas essas sociedades de exploração palestinas que são como, ah, sabemos onde está Laquis.

Sabemos o quão importante é Laquis. Vamos lá e cavar. Talvez possamos encontrar algum tesouro enterrado.

Isso abriu a porta para as pessoas começarem a financiar expedições. Agora, todas essas expedições receberam basicamente o mesmo tipo, receberam o mesmo tipo de objetivos. Vá encontrar o máximo de coisas que puder, traga-as de volta, encheremos nossos museus e todos ficaremos ricos e famosos.

Isso essencialmente foi, novamente, muito, muito grosseiro. Eles estavam procurando qual era a grande descoberta, como mencionei, Indiana Jones, A Arca Perdida de Redder, onde está a Arca da Aliança? Vamos procurar. E era isso que eles estavam fazendo.

Mas temos que agradecer a Edward Robinson por isso porque ele é o cara que nos deu direção para todas essas sociedades, ok? Agora, a fase dois dá início à ascensão da arqueologia sistemática. Não chegaremos lá, mas é nessa fase, no início dos anos 1900, que começamos a falar sobre as coisas com um pouco mais de precisão metodológica. Não estamos apenas cavando buracos e montes, cavando trincheiras, sem realmente nos importar com pequenas tábuas de argila que podem ou não ter escrita nelas.

Na primeira fase, eles não se importaram. É tipo, ok, mostre-me um querubim, onde está um touro grande? Vamos desenterrar uma grande estátua. Esses tipos de coisas.

Isso é o que eles estavam procurando. Com a fase dois, as coisas começam a mudar, certo? E temos que agradecer a um cara chamado Sir Flinders Petrie. Estranho esse cara era.

Ele era um pouco bizarro. Acho que histórias desse cara, ele costumava usar vestidos nos shows só para assustar os moradores porque não queria ser assediado. Mas esse cara começou a trabalhar em egiptologia, escavando enormes pistas e locais enormes como Tanis, no Egito.

Mas o que ele fez foi começar a refinar a seriação ou a cronologia da cerâmica. E quando ele chegou a um lugar chamado Tell el-Hessi, foi aí que ele realmente começou a colocar isso em prática. E podemos agradecer a Sir Flinders Petrie por duas coisas.

Reconhecemos que eles contam, parecem montes de lixo, mas quando você começa a escavá-los, vê-se camada sobre camada sobre camada sobre camada de cidades antigas. Reconhecendo que o relato era um elemento muito importante na tentativa de decifrar padrões de assentamentos antigos, certo? As pessoas viviam nas cidades. Sim, havia muita gente rural, mas a maior parte da pegada, a maior parte da cultura material foi deixada nos Telles porque estes eram os locais das cidades e dos Telles.

Depois que você estabeleceu uma cidade, demorou muito para abandonar esse local. Então, quando sua cidade foi destruída, você construiu outra bem em cima dela. E quando aquele foi destruído ou destruído por um terremoto ou por uma conquista militar, você simplesmente nivelou as coisas e construiu outro.

Então, esses relatos eram literalmente como as camadas de um bolo ou de uma gelatina de sete camadas, o que você preferir, a história ocupacional de um sítio urbano. Flinders Petrie entendeu isso. E então, com sua cronologia de cerâmica, ele começou a desenvolver formas de como podemos datá-las e falar sobre as sequências cronológicas de cada uma dessas fases de assentamento, cada uma dessas camadas dentro de uma narrativa.

É por isso que Sir Flinders Petrie é conhecido, certo? Esse cara, na hora da morte, decidiu que quer saber, vou sair com força e vou dedicar meu corpo à ciência, mas só minha cabeça. Então, após sua morte, esse cara teve sua cabeça decapitada. Foi enviado para Inglaterra porque ele queria que o seu cérebro fosse estudado pela ciência.

Infelizmente, o rótulo se perdeu e sua cabeça ficou em uma jarra durante anos em algum tipo de porão. Bem, resumindo a história, eles identificaram a cabeça dele. Seu corpo está realmente imóvel. Na verdade, seu corpo está enterrado fora da cidade velha de Jerusalém, no campus da JUC, eu acredito.

Acho, tenho quase certeza, que é onde o corpo dele, sem a cabeça, está no porão de algum museu na Grã-Bretanha. Então, eles sabem onde está a cabeça dele agora, eles identificaram, mas sim, cara estranho, cara estranho, aparentemente tinha uma opinião muito boa sobre si mesmo, mas ele era muito, muito importante. Novamente, entendendo a cronologia da cerâmica.

William F. Albright é outro cara, e há muitos caras que eu poderia parar, muitas pessoas, homens, mulheres que eu poderia parar e sobre quem poderia falar, mas simplesmente não temos tempo. Mas William F. Albright, William Foxwell Albright, é outra figura importante no desenvolvimento de uma disciplina de arqueologia sistemática e metodologicamente sólida. Esse cara era brilhante.

Ele era um teólogo, era cristão, amava a Bíblia e pensava que seu objetivo era provar a Bíblia. E tudo o que ele fez como arqueólogo sempre remontava à Bíblia. Como isso explica melhor a Bíblia? E essa é uma busca admirável.

Infelizmente, também se tornou a causa de muitas de suas críticas. Mas William F. Albright é conhecido principalmente por ser o cara que desenvolveu o modelo de conquista. Como Israel se estabeleceu na terra? Modelo de conquista.

Movimento militar do tipo Blitzkrieg. Josué, o Livro de Josué. William F. Albright foi o cara que articulou esse modelo de liquidação com seriedade pela primeira vez.

E ele tinha muito, muito, muito, muito, quero dizer, Frank Moore Cross, John Bright, quero dizer, basicamente, você escolhe, o quem é quem dos famosos estudiosos da Bíblia nas décadas de 1970 e 80, honestamente, em algum momento, todos eles remontam a ele, sejam eles indiretamente ou diretamente, muitos, muitos de seus alunos. Então, esse cara era um gigante, principalmente na arqueologia americana. E se você abrir um trabalho histórico sobre a história da arqueologia americana, a arqueologia bíblica, você encontrará muitas informações dedicadas a esse cara.

Muito, muito importante. Mas, novamente, seu modelo de conquista também atraiu muitas críticas, principalmente no final de sua carreira. E, o que é um tanto interessante, alguns de seus maiores alunos, John Bright, até mesmo ele, começaram a se afastar da articulação inicial do modelo de conquista, uma vez que mais evidências arqueológicas vieram à tona nos anos seguintes a ele apresentar que teoria inicialmente.

E então, novamente, ele foi criticado, ainda é criticado. E por um lado, elevamos William F. Albright como este grande arqueólogo, estudioso da Bíblia, você sabe, esse é um cara com quem você quer ser. Mas, por outro lado, também o tornamos vilão como sendo um indivíduo metodologicamente ingênuo.

E acho isso um pouco injusto. William Deaver realmente criticou Albright. Gosto muito de William Deaver; falaremos sobre isso aqui em um segundo.

Mas acho que ele realmente vai atrás de Albright um pouco demais. Mas ele é um cara interessante, muito, muito importante. Yigal Yadin foi um arqueólogo israelense que se tornou militar; ele era um militar.

E quando ele se aposentou do serviço militar, ele pensou, sim, vamos desenterrar coisas. Mas Yigal Yadin é famoso por suas escavações em Megido, suas escavações em Massada e pela articulação do que é chamado de pegada salomônica. Portanto, lugares como Megido, Hazor e centros urbanos específicos de Gezer, os centros urbanos específicos mencionados em 1 Reis, capítulo 9, estão associados às campanhas de construção de Salomão.

O que Yigal Yadin encontrou nestes locais foi, meu Deus, há uma semelhança impressionante na pegada arqueológica da cidade, na forma como construíram os seus sistemas de portões, na forma como construíram os seus muros. E com base no que disse 1 Reis 9, Yigal Yadin disse, esta é uma pegada salomônica, foi assim que Salomão reforçou seus principais centros urbanos, e é por isso que Yigal Yadin é famoso. Mais uma vez, muito à frente do seu tempo, com muitos seguidores como William Albright, Yigal Yadin influenciou toda uma geração de arqueólogos israelitas e é muito, muito importante.

Depois temos Dame Kathleen Kenyon. Kathleen Kenyon era brilhante, estava perturbada e parece continuar atraindo críticas até hoje. Quero dizer, Bryant Woods ainda bate na cabeça de Kathleen Kenyon com seus dados, mesmo que ela já tenha partido há muito tempo, então Kathleen Kenyon ainda é um ímã de críticas.

Mas ela foi muito importante no desenvolvimento de um sistema específico de escavação. Ela foi muito importante ao falar de Jericó, chegando até a escavar Jerusalém. Ela tinha um ponto de vista contrário em alguns aspectos.

Todo mundo estava falando sobre o modelo de conquista com William Albright, diz Kathleen Kenyon, na verdade não acho que Jericó fosse habitada naquela época, então como é que você pode ter um modelo de conquista? Era isso que Kathleen Kenyon estava fazendo. Mas ela é muito, muito importante e, novamente, provavelmente o elemento mais importante do seu legado foi a sua participação na Revolução Metodológica. Então essa é a fase dois.

Novamente, temos esses gigantes no campo, e eles estão começando a aperfeiçoar a arqueologia como uma disciplina sistemática. Isto nos leva à terceira e última fase, a arqueologia de hoje. A arqueologia de hoje vai pegar as revisões metodológicas, a progressão metodológica que foi estabelecida na fase dois, e vamos apenas expandir a trajetória.

E onde começamos a discussão da arqueologia da fase três, a arqueologia de hoje, é com os métodos de escavação. Os arqueólogos hoje estão muito focados em como você escava, não necessariamente onde você escava. Isso também é importante, mas eles estão muito, muito conscientes de como você escava.

Qual é o seu método? Como você está documentando essa descoberta? Isso foi encontrado in situ? Qual é o seu contexto arqueológico? Como você cava? E fundamentalmente associado a isso, como você escava está basicamente, você sabe, isso é uma simplificação exagerada, admito, mas temos que falar sobre o método Kenyon-Wheeler e o método Reisner-Fisher, ok? E falarei sobre isso por apenas um segundo aqui. Kenyon-Wheeler, Kenyon, Kathleen Kenyon, que acabei de mencionar, que acabei de mencionar, ela desenvolveu seu método de escavação na Grã-Bretanha, certo? Kathleen Kenyon era britânica. Ela começou sua carreira como arqueóloga na Grã-Bretanha e com uma pessoa chamada Wheeler, seu professor; Acho que foi o professor dela, mas de qualquer forma, era um cara chamado Wheeler.

Eles desenvolveram o que foi chamado de método Kenyon-Wheeler e, em vez de expor o máximo possível, vamos cavar em quadrados de um metro e meio por um metro e meio e descer o mais longe que pudermos. Por que? Porque podemos controlar a estratigrafia. Podemos controlar os dados se cavarmos em seções menores, certo? Quanto mais nos expandimos, menos controle temos sobre os dados, menos controle temos sobre a exposição, etc., certo? Queremos saber o máximo possível sobre a história ocupacional destes locais, quem viveu, quando, por quanto tempo, etc., quando ocorreram determinadas fases de ocupação.

A melhor maneira de fazer isso, de acordo com Kenyon-Wheeler, era cavar em quadrados de um metro e meio por um metro e meio e, no final do dia, você olha para cima e olha para a parede com todos os seus camadas ali como um bolo de camadas, e aí você começa a interpretar o que vê, ok? Foi assim que Kenyon cavou em Jericó. Foi assim que ela cavou em Jerusalém e em outros lugares. Isto contrasta um pouco com o método Reisner-Fisher.

O método Reisner-Fisher, que ironicamente foi usado em Samaria e Kenyon trabalhou em Samaria, foi usado em Samaria, e trata-se de exposição em grande escala. Então, em vez de pequenas seções muito controladas, você pode ver a queda ali. Se estivermos cavando apenas em quadrados de um metro e meio por um metro e meio, o que acontecerá se perdermos algo a apenas trinta centímetros disso? Então Reisner e Fisher disseram, vamos expor tudo o que pudermos.

Então, você pode ver os prós e os contras aqui. Na exposição em larga escala, porém, perdemos o controle dos dados. Grande controle dos dados em quadrados de um

metro e meio por um metro e meio, mas o que acontece se algo estiver ali? Curiosamente, hoje muitos arqueólogos usam algum tipo de híbrido.

Eles ainda querem controlar os dados. Eles ainda querem controlar a estratigrafia, mas não querem perder de vista essa exposição em grande escala. Aqui está um exemplo.

Então, quando eu estava cavando em Tel Rehov em 2008, no ano anterior, certo, no ano anterior, eles encontraram um apiário, uma colméia, uma instalação industrial de colméia. Eles estavam cavando em quadrados de um metro e meio por um metro e meio, essencialmente, e um desses quadrados desceu e atingiu uma colmeia antiga, certo? E eles olharam para a colméia, descobriram o que era e pensaram, quer saber, provavelmente há mais. Então, nesse momento, o diretor da escavação tomou uma decisão executiva.

Ele diz, quer saber, vamos abandonar esse método de um metro e meio por um metro e meio aqui e entraremos na exposição em grande escala. Queremos ver quão grande realmente foi essa instalação. Quando cheguei lá, em 2008, vi quadrados de um metro e meio por um metro e meio, mas se virasse meu corpo 45 graus e olhasse para cá, via a exposição completa de uma instalação industrial de colméia.

Havia 10 colmeias. Então, esse é um exemplo de uso de modelo híbrido, e a decisão de abandonar um pelo outro, obviamente, é responsabilidade do diretor da escavação. Mas a arqueologia hoje é muito especializada e muito multidisciplinar.

Então, se você fizer uma escavação hoje, você encontrará geólogos, encontrará paleógrafos, pessoas que estudam, desculpe, epigrafistas, você encontrará pessoas que estudam ossos, pessoas que estudam redação, pessoas que estudam rochas, além de arqueólogos com formação clássica. Você vai, você vai, você até pode encontrar especialistas em genética, dependendo se ou que tipo de DNA eles estão fazendo. Então você encontrará muitas vozes diferentes e, novamente, cabe ao diretor de escavação ser um tipo de líder e chamar a atenção de todos, garantir que as ideias de todos sejam canalizadas e discutidas adequadamente, etc.

Em muitos aspectos, é emocionante, mas em muitos aspectos, pode ser uma espécie de incêndio no lixo se você não tiver um bom diretor de escavação lá. Além disso, uma parte da arqueologia de hoje é o impacto do que é chamado de nova arqueologia, e a nova arqueologia foi uma espécie de revolução metodológica que ocorreu nas décadas de 70 e 80. Agora, isto tem sido criticado, mas o que não pode ser criticado são as implicações do que aconteceu com a nova arqueologia, porque a arqueologia tornou-se essencialmente uma disciplina antropológica.

Muitas universidades, muitas instituições terão um departamento de arqueologia em sua Escola de Antropologia, certo. Isso é muito significativo. Já não está na Escola de

Teologia, que inicialmente, estas, estas explorações, estas incursões iniciais, no final dos anos 1800 e no início e meados dos anos 1900, foram todas financiadas por instituições teológicas.

Esse não é mais o caso. A arqueologia é vista e compreendida mais como uma disciplina antropológica do que qualquer outra coisa. Então, essas são as três fases, tudo bem.

Mais uma vez, explorações iniciais, explorações iniciais, uma precisão metodológica crescente, e a arqueologia de hoje é muito sofisticada, muito multidisciplinar, muito conscienciosa e muito metodologicamente conscienciosa. Então, o que tudo isso significa? Voltemos à questão. Eu disse que ia fazer um caminho indireto, mas acho que é importante entendermos os contornos da disciplina e alguns elementos da disciplina para entendermos essa questão.

A arqueologia serve aos estudos bíblicos, certo? Não, não tem. Portanto, se não for mais entendido como servindo aos estudos bíblicos, não será mais entendido como um subconjunto dos estudos bíblicos. Como definimos a arqueologia e o que isso significa para a forma como as duas disciplinas se relacionam? Bem, a arqueologia pode ser definida simplesmente como o estudo de coisas para compreender uma cultura específica ou um lugar específico.

Muito simples porque a arqueologia trata de encontrar coisas. Trata-se de encontrar coisas que as pessoas usam diariamente. É encontrar cultura material, encontrar casas, encontrar potes, encontrar pesos de tear, encontrar ossos de animais, encontrar locais de culto, etc.

É encontrar coisas. Portanto, arqueologia é o estudo de coisas para compreender uma cultura específica ou um local específico. É assim que eu generalizo, e sei que é grosseiro, e se houver algum arqueólogo treinado por aí, eles provavelmente dirão, sim, você pode ser mais sofisticado com isso, e há inúmeras definições onde é mais sofisticado, mas para os nossos propósitos e para os propósitos desta palestra, podemos definir arqueologia como o estudo de coisas para compreender uma cultura particular ou um lugar particular.

Mas se a arqueologia é o estudo de coisas, qual é o termo arqueologia bíblica? O que isso significa? Arqueologia bíblica é um termo que foi arrastado pela lama por vários motivos. Voltando a William F. Albright, William F. Albright autodenominava-se um arqueólogo bíblico, mas foi criticado por tornar sua pesquisa arqueológica muito apologética e teológica. Oh, Albright, ele está ali fazendo coisas de novo para provar a Bíblia.

E então, arqueólogo bíblico, o termo arqueologia bíblica, ou se você se autodenomina arqueólogo bíblico, vamos colocar desta forma. Hoje em dia, se estou

numa conferência e alguém quer insultar outra pessoa, fazemos isso de maneiras muito sofisticadas, alguém chamará alguém de arqueólogo bíblico. Ah, não, não estou.

Não me chame assim. Então, é um nome que carrega consigo uma certa bagagem. Porém, acho que ainda podemos usá-lo desde que estejamos dispostos a pelo menos dar uma compreensão sobre ele, ok? Porque a pesquisa arqueológica informa os estudos bíblicos.

Informa a nossa compreensão da cultura israelita antiga, e quanto mais compreendermos a cultura israelita antiga, mais seremos capazes de compreender porque é que o escritor bíblico disse isso? Por que o escritor bíblico fez isso dessa maneira? Portanto, a arqueologia que se relaciona com a Bíblia pode ser chamada de arqueologia bíblica, e acho que essa é uma definição à qual ainda podemos nos agarrar. Não se trata de provar ou refutar a Bíblia, certo? É sobre arqueologia que informa a nossa compreensão da Bíblia, direta ou indiretamente, e é aqui que algumas de nossas palestras posteriores realmente chegarão. Como é uma influência direta? Como é uma influência indireta? E é aí que vou introduzir esta ideia de convergência ampla e convergência estreita.

Então, nas próximas palestras, falaremos sobre certas convergências amplas, certas convergências estreitas, certo? Convergências amplas são aplicações mais indiretas da pesquisa arqueológica à Bíblia. Convergências estreitas serão uma discussão sobre esses pontos de contato direto, ok? Essa será a diferença, e a arqueologia faz isso. Então, acho que o termo arqueologia bíblica ainda pode ser resgatado, desde que estejamos preparados para usá-lo corretamente.

Então, no restante desses estudos, como já aludi, no restante dessas palestras, vamos celebrar a relação perpétua e inegável entre a arqueologia e os estudos bíblicos, especificamente os estudos do Antigo Testamento. É sobre isso que essas palestras serão. Vou orientar você nessa interação e mostrar como é, certo? Então, vou falar sobre diferentes artefatos, certo? Vou falar sobre a história por trás desse artefato.

Como eles foram encontrados? Quem encontrou? Qual foi a discussão sobre isso? E algumas discussões serão muito, muito robustas, mas também farei um esforço intencional para falar sobre as implicações destas descobertas. O que eles significam para a nossa compreensão das Escrituras, a nossa compreensão da Bíblia? Esse será o ponto crítico. Nessa discussão, discutindo as implicações, é aí que vamos focar essa ideia.

Bem, é uma convergência ampla ou é uma convergência estreita? E se for uma convergência ampla, o que significa? Se for uma convergência estreita, o que significa? Então, as descobertas sobre as quais vou falar, haverá apenas um certo

número delas, mas eu as escolhi por alguns critérios. Um deles será o efeito cascata. Isso descobriu, produziu um efeito cascata bastante grande? Moveu a agulha, como dizem? Vou escolher algumas descobertas que acho que produziram um efeito cascata bastante significativo.

E então, esse será um critério. Promoveu um interesse generalizado? Ou seja, será que as pessoas que não eram necessariamente arqueólogas talvez nem estivessem interessadas em estudos bíblicos antes desse ponto, mas será que leram sobre isso? Eles se interessaram por esta conversa por X motivos? Esse foi outro critério. E então, qual foi o seu impacto? Mostrou um impacto significativo em como entendemos algo? Tudo bem, vamos falar sobre o ugarítico, e isso abriu as portas do que entendíamos sobre o panteão cananeu, a cultura do final da Idade do Bronze, a rede internacional global do final da Idade do Bronze, etc.

Isso explodiu e redefiniu completamente a maneira como o entendíamos, porque até aquele ponto, tudo o que tínhamos era o que a Bíblia dizia sobre Baal, sobre Asherah. Mas agora, de repente, com o ugarítico, percebemos, oh, o que os cananeus disseram sobre Baal? O que os cananeus disseram sobre Asherah? E de certa forma, as coisas foram esclarecidas e, de certa forma, as coisas ficaram turvas. Portanto, discussões muito, muito interessantes, mas que tiveram um impacto importante nos estudos do Antigo Testamento.

E tudo isto, como já aludi, vai ser discutido através da ideia de convergência de William Deaver. William Deaver é um famoso arqueólogo americano que agora está aposentado e cavou em Gezer e em vários lugares na Síria-Palestina. Mas ele fez grandes progressos na compreensão da relação entre os estudos bíblicos e a arqueologia, e isto remonta, penso eu, à década de 80, quando teve pela primeira vez algumas conversas com Shanks na revisão de arqueologia bíblica.

Foi aqui que ele realmente começou a desvendar a ideia de qual é a relação entre essas duas disciplinas, porque foi isso que William Deaver entendeu. A arqueologia é uma disciplina separada dos estudos bíblicos, mas ainda assim, eles gravitarão entre si em determinados momentos, e quando essas gravitações acontecerem, como podemos defini-las? Como entendemos isso? Ele surgiu com esta ideia nos últimos anos de convergência, a ideia de que os estudos bíblicos e a arqueologia irão convergir. Minha opinião sobre isso é que vou pegar essa ideia de convergência e falar sobre convergências amplas e convergências estreitas.

Convergências estreitas são os momentos específicos em que a pesquisa arqueológica impacta, esbarra ou cruza específica e diretamente com uma passagem, um lugar ou algo específico em nosso Antigo Testamento. Por outro lado, as amplas convergências serão os locais onde a investigação arqueológica irá impactar e afinar a nossa compreensão em termos mais amplos e gerais. Vamos falar sobre esclarecimento de cosmovisão.

Vamos falar sobre estrutura social e esse tipo de coisa. Não há realmente um ponto específico, por si só, mas ainda é muito, muito importante para entender tudo o que borbulha abaixo da superfície ou está nos bastidores. Então, e espero, espero que quando eu justapor convergências estreitas de convergências amplas, vocês comecem a realmente entender a diferença aí.

Então é para lá que iremos. É para lá que iremos. E estou ansioso pelas próximas palestras. Espero que você também faça isso. E vejo você então.

Este é o Dr. David B. Schreiner em seu ensinamento sobre Ponderando a Espada. Esta é a sessão 1, preparando o cenário. Bem-vindo a este curso sobre Ponderando a Espada.